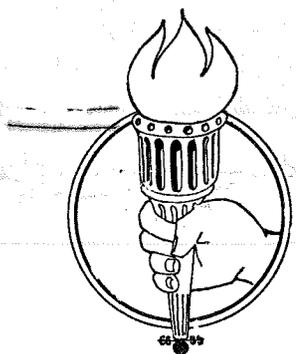


Capa de  
STEPHAN ELIUTH + RIADES



LUIZ SANTA CRUZ  
JULIÁN GORKIN  
STEFAN BACIU  
JUSTO PASTOR BENÍTEZ

# salvador de madariaca

ASSOCIAÇÃO  
BRASILEIRA  
DO  
CONGRESSO  
PELA  
LIBERDADE  
DA  
CULTURA



# salvador de madariaga

Luiz Santa Cruz

MADARIAGA NO BRASIL

Julián Gorkin

SALVADOR DE MADARIAGA  
E A INTEGRAÇÃO DEMOCRÁTICA  
ESPAÑHOLA

Stefan Baciu

SALVADOR DE MADARIAGA E A AMÉRICA  
LATINA

Justo Pastor Benítez

SALVADOR DE MADARIAGA, PALADINO  
DO LIBERALISMO

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DO CONGRESSO  
PELA LIBERDADE DA CULTURA — 1961

## MADARIAGA NO BRASIL

LUIZ SANTA CRUZ

**V**ISITANTES e hóspedes ilustres, desde o dia de seu descobrimento, sempre o Brasil os recebeu e procurou acolher com a sua proverbial hospitalidade de nação. Para não falar do próprio descobridor, aqui recebido festivamente pelos índios, entre os homens de letras, o primeiro visitante ilustre a assinalar foi Pero Vaz Caminha, escrivão da Côrte e que por aqui passou, testemunha do descobrimento e fiel assistente da primeira missa, após *chantada* a cruz em Pôrto Seguro, celebrado o Santo Sacrifício por Frei Henrique de Coimbra. Foi Pero Vaz Caminha o primeiro escritor, em carta para El-Rey, a falar bem da terra, que lhe parecia encantadora, — e da gente, — que lhe inspirava os sentimentos mais cordiais.

Daí para cá, cresceu, de século para século, ou mesmo de década para década, o número dos viajantes ou hóspedes ilustres que vieram nos visitar. Muitos, de torna-viagem, escreveram maravilhas, outros fizeram algumas e irreverentes críticas sobre a terra magnífica (“em se plantando tudo dá”) e a gente cordialíssima de Pero Vaz Caminha. Mesmo os piratas e invasores que aqui vieram arrebatar a colônia a Portugal, de Thevet aos escribes de Maurício de Nassau, quase todos, de torna-viagem, esforçavam-se por falar bem da terra e de seus habitantes. Aí estão nos trezentos e tantos volumes da coleção “Brasíliana”, os depoimentos dos viajantes mais ilustres que por aqui andaram, Maria Graham, Saint-Hilaire e tantos outros, que seria longo de mais

aqui enumerar, quando não fixavam em traços pelo desenho, ou em côres, pela pintura, como Post e Debret, as suas entusiásticas impressões.

Com a maior facilidade de comunicações entre os povos e continentes, é natural que seja este século o das grandes visitas e hospedagens pelo Brasil dos viajantes e hóspedes mais ilustres. O grande número de certames culturais contribuiu também grandemente para tais oportunidades de recepcioná-los cordialmente em nosso país.

\*  
\*  
\*

Há porém quatro maneiras diferentes de registrar-se a presença no Brasil dos grandes nomes das letras, das ciências, das artes e da política: duas delas são meramente bibliográficas ou livrescas, porque apenas por intermédio das respectivas obras; e duas, pela presença física e participante. Livrescamente, pode um autor qualquer vir até nós e desempenhar papel meramente erudito ou de liderança intelectual; por sua presença física, pode o mesmo autor, ou autor até então desconhecido entre nós, vir até aqui como simples viajante e não-participante e ficar em nosso país, por poucos dias que sejam, mas com atuação mais destacada e participação real e eficiente em algum movimento cultural, científico, político ou artístico. Exemplo do primeiro caso, da primeira modalidade de presença cultural e historicista, é bem o de Pero Vaz

Caminha, visitante ou hóspede de poucas horas, e que hoje tem lugar de honra e citação obrigatória em qualquer bibliografia sucinta de nosso historicismo pátrio. Já Thevet é o primeiro "brasileiro de tornaviagem" a levar daqui para a Europa, senão riquezas materiais, os bens espirituais da crônica e da descrição de nossa terra e gente, que lhe lograram a fama e a honraria que se lhe são hoje devidas por isso. Exemplo do terceiro caso, dos visitantes ilustres, mas só de presença física, são, entre outros, Gobineau, Aldous Huxley, Graham Greene, Alberto Moravia, pelo menos, até essa data: exemplos do quarto caso, de presença física atuante, são os de Georges Bernanos e dom Salvador de Madariaga, entre os mais afamados e participantes da vida cultural do nosso país.

\*  
\* \*

Não data de hoje porém a repercussão da obra e da personalidade marcantes de Salvador de Madariaga no Brasil. Escritor trilingüe, expressando-se literariamente, com a mesma mestria, em seu idioma pátrio — o castelhano —, no francês — estudou também em Paris — e em inglês, — estudou e ensina na Inglaterra, na Universidade de Oxford, onde o melhor inglês se fala; é ele hoje a figura mais representativa da chamada geração de 98", dos filósofos, pensadores, escritores e poetas, todos eles partidários do diálogo fecundo com a Europa; diplomata de projeção no Velho e no Novo Mundo, polemista, historiador, ensaísta político, poeta e prosador, novelista e biógrafo, Salvador de Madariaga, desde que foi surgindo a sua hoje vasta obra literária, histórica e filosófica, vinha se impondo entre nós, através das gerações.

Podemos então dizer dele que conheceu, com poucos escritores que nos visitaram e foram nossos hóspedes, as três espécies principais de presenças acima assinaladas que um autor pode ter em nosso país. Foi Madariaga, sucessivamente, se impondo às nossas letras e à nossa cultura literária, filosófica, histórica e política, à

medida em que iam aparecendo os seus livros, versando sobre tais assuntos.

Nascido em La Coruña, Espanha, a 23 de junho de 1886, logo deixaria a terra natal para estudar em Madri e, após, em Paris e na Inglaterra. Em 1916, aos 30 anos de idade, em plena Guerra Mundial, era ele redator de renome e comentarista político e internacional dos mais divulgados entre nós, no quadro redatorial da revista inglesa *Times*. A partir de 1928, tornar-se-ia igualmente conhecido na Inglaterra como professor de cultura hispânica em Oxford, de onde seria trazido para a Espanha pela República e após exercer vários cargos de importância, como, entre outros, o de Ministro das Relações Exteriores, ia para Washington como Embaixador de seu país, cargo em que permaneceria até a guerra civil espanhola e após ser breve tempo delegado de sua pátria na Sociedade das Nações, em Genebra.

O poeta de *Romances de ciego* (1922) e *La fuente serena* (1928), embora não se tornasse tão conhecido e apreciado entre nós, como o pensador político e o filósofo da cultura, contudo, também conseguiria ter leitores em nosso país, via de regra, tão pouco conhecedor da poesia hispânica ou de língua espanhola, mesmo a da América Latina.

O pensador e o filósofo da cultura não tardaria porém se impor e tanto como o comentarista político internacional da revista *Times*. Seus famosos cursos de férias, dados em Madri, nos serões de 1926 e 1927 e publicados, quase simultaneamente, pelos suplementos literários dominicais de "La Nación", em Buenos Aires, sobre ingleses, franceses e espanhóis, ensaio de psicologia coletiva comparada, surgido de suas aulas no Instituto de Estudos Internacionais da Espanha, não tardariam, após o seu primeiro lançamento esparsos em jornal, em serem reunidos em volumes, publicados pela Espasa-Calpe e logo divulgados entre nós. O escritor erudito e mesmo o estudante de direito que se prezasse, àquela época, em suas bibliotecas não podiam deixar de exibir tal obra e nem de citá-la, em seus artigos ou em provas e teses das nossas Faculdades.

de um Ramón Pérez de Ayala, um Miguel de Unamuno; Pio Baroja, Valle-Inclán e Gabriel Miró.

Entre os escritores nossos mais eruditos, raros são aqueles que não leram, por exemplo, o seu interessantíssimo ensaio de interpretação psicológica da obra cervantina, intitulado "Guia del lector del Quijote", ensaio esse que veio revisar inteiramente toda a crítica moderna de don Miguel de Saavedra Cervantes. "Cada geração, segundo Madariaga, o verá sob um novo aspecto", pois, nem Quixote nem Sancho nunca envelhecem e é impossível dizer-se tudo de uma vez sobre ambos, precisamente porque à medida em que o mundo avança vai se renovando o processo de visualização das obras-primas e, entre todas, a de Cervantes. O Quixote e o Sancho de hoje, fazia ver Salvador de Madariaga, não são mais os mesmos de 50 anos atrás.

Outra grande e indiscutível contribuição de Madariaga, para a renovação da crítica cervantina, seria a que levantaria o véu da simbiose existente entre Quixote e Sancho Pança, ambos se completando e jamais se opondo, como pensava a crítica até então, fazendo do senhor e amo, um sonhador, espiritualista e idealista e do criado, um homem prático, materialista e concreto. Os dois capítulos do "Guia del lector del 'Quijote': "A quixotização de Sancho" e a "Sanchificação de Quixote", — viriam pôr por terra todas as interpretações anteriores que pretendiam contrapor e mesmo contradizer os dois famosos e sempre atuais personagens novelescos da obra de ficção mais lida e famosa do mundo.

Como pensador político e líder da Espanha democrática liberal e republicana, entre aqueles que acompanharam mais de perto a evolução dos acontecimentos determinantes da guerra civil espanhola e das lutas entre os exércitos republicanos e as falanges e tropas marroquinas do general Franco, pouquíssimos poderiam também desconhecer a participação efetiva e da maior importância, como exilado na Inglaterra, de Salvador de Madariaga. Sobretudo, poucos desconheciam o seu ensaio aparecido em 1939, em colabora-

ções esparsas em revistas e jornais de todo o mundo e publicado, em 1946, em Paris, pela Gallimard, sob o título de "Anarchie ou hiérarchie".

Um dos melhores e mais eruditos biógrafos do historicismo hispânico contemporâneo, dêle são muito conhecidas entre nós, as suas tão famosas biografias de "Hernán Cortés" (Editorial Sudamericana, de Buenos Aires, 1941) e a "Vida del muy magnífico señor don Cristóbal Colón", êste, com suas alentadas e eruditas 657 páginas ilustradas, traduzido no Brasil, em 1944, por Godofredo Rangel e lançado no Rio de Janeiro pela Editôra Vecchi Ltda.

Seu "Retrato da Europa", a obra por excelência do diálogo Espanha-Velho Mundo, sempre renovado, seria mais bem conhecido entre nós nas versões francesa e inglesa, ambas escritas por Madariaga, — o "Portrait d'Europe" e o "Portrait of Europe", publicadas ambas as edições em 1952. O mesmo deveríamos dizer de sua obra mais alentada e hoje clássica sobre a cultura ibérica, "El ciclo hispánico", obra de historicismo, em dois volumes, publicada em Buenos Aires, em 1958, pela Editorial Sudamericana.

\*  
\* \*

Esta foi, portanto, em breve recensão histórica, a crônica da primeira e segunda espécies de presença de Madariaga no Brasil, através do nosso conhecimento de suas obras e de suas contribuições eruditas, importantes, mas ambas de caráter meramente literário.

A terceira espécie de presença, e a mais importante, a nosso ver, é a presença física participante culturalmente falando, quando veio ao nosso país, há um ano atrás, em julho de 1960, como convidado de honra, para o XXXI Congresso Internacional dos PEN Clubes, realizado no Rio de Janeiro.

Não se limitaria êle, convidado de honra, à simples presença física e a esquivar-se por qualquer motivo de participar de algum modo no movimento cultural bra-

sileiro, trazendo o testemunho e os ensinamentos de sua obra filosófica e política. Nem sequer, para após o seu regresso ao Velho Mundo, como todo "brasileiro de torna-viagem", pronunciar-se favorável ou desfavoravelmente sobre o nosso país e o nosso povo, como fizeram tantos outros hóspedes nossos, sem a sua estatura intelectual e a sua importância internacional na causa da cultura e das letras.

Dom Salvador de Madariaga chegaria ao Brasil, precisamente, a 22 de julho de 1960, pisando no aeroporto internacional do Galeão, solo brasileiro e solo da América Ibérica, em que tanto se compraz de falar. Relendo os jornais de anos atrás, observamos, inicialmente, que, embora esperada, a sua vinda não fôra anunciada para aquela data, como, entre outras, as de Graham Greene e Alberto Morávia, tanto pelos colonistas literários como pelos próprios jornais, graças às notas de informações fornecidas, sem dúvida, pelo setor de publicidade do Congresso dos PEN Clubes no Rio de Janeiro.

Na verdade, poucos dias antes, a menos de um mês antes, Madariaga se encontrava em Berlim, juntamente com as mais ilustres personalidades da política e os maiores pensadores do mundo, sob os auspícios do Congresso pela Liberdade da Cultura, discutindo e analisando as principais questões culturais e políticas da atualidade. Eram cerca de 200 intelectuais, entre artistas, políticos, filósofos e pensadores de 50 países diferentes, convocados especialmente para comemorar o décimo aniversário da fundação do Congresso pela Liberdade da Cultura, criado em Berlim em 1950, com secretariado permanente sediado em Paris. Há dez anos antes, na mesma capital da Alemanha Ocidental, escritores e homens de ciência de 21 países haviam redigido e assinado o "Manifesto dos Homens Livres", em defesa da causa da democracia e da liberdade, daí resultando o Congresso acima referido. A nova conferência de Berlim, em 1960, faria um balanço e daria prestação de contas à Europa e à posteridade da atuação das Associações do Congresso nos diversos continentes, analisando simultaneamente a evolução e o destino das instituições de-

mocráticas naqueles dois decênios de após-guerra.

Ao lado de Salvador de Madariaga, eleito presidente de honra do Congresso em todo o mundo, tomou parte ativa no conclave a própria nata da intelectualidade contemporânea dos diferentes países democráticos, ali se vendo, entre outros, Benedetto Croce, Johan Dewey, Jacques Maritain, Reinold Niebhur, Bertrand Russell, Spender, Silone, Sidney Hook, Luis Alberto Sánchez, Denis de Rougemont e outros.

Seja como fôr, o fato é que os jornais do dia 23 de julho de 1960, que noticiavam a chegada ao Rio de Janeiro, entre outros grandes escritores, congressistas e convidados ao conclave internacional dos PEN Clubes, incluíam também o nome de Madariaga, com destaque, entre os de Graham Greene e Alberto Morávia.

Ouvidos no aeroporto do Galeão os três grandes escritores, o primeiro esquivou-se de falar aos jornais; somente muito instado fêz breves pronunciamentos, de fato, antecipando a entrevista coletiva que daria à imprensa brasileira, no dia seguinte, na ABI; Graham Greene também nada quis dizer e nem Morávia, pelos mesmos motivos.

Instalado solenemente o XXXI Congresso Internacional dos PEN Clubes, realizado no Brasil, entre 23 e 30 de julho de 1960 e que teve como presidente internacional Alberto Morávia, Salvador de Madariaga participou de todos os atos do programa oficial do conclave, previstos para êle, em sua condição especial de convidado de honra, como escritor exilado.

E desde o primeiro dia, logo se impuseram como os "três grandes do Congresso", êle, Graham Greene e Morávia, disputando a atenção e preferência do público presente aos principais atos solenes e reuniões do certame, entre os intelectuais representantes de 52 centros culturais diferentes.

Num dos primeiros dias do conclave, na segunda-feira, realizava-se no *Shopping Center*, de Copacabana, o Primeiro Festival do Escritor Brasileiro, em solenidade inaugurada pelo próprio presidente da República. Os maiores sucessos do Fes-

tival, com a ausência de Graham Greene (apesar de estarem expostos à venda seus livros, não comparecendo para autografá-los) e de Alberto Morávia, talvez por sua fama de esquivo e amargurado escritor —, a verdade é que foram os dois sucessos da noite, entre os intelectuais estrangeiros, Dom Salvador de Madariaga, por sua simpatia e verve sempre acolhedora, e o escritor escocês Nigel Tranter, mas, êste, por seus trajes típicos e o seu refrescante saíote, na canícula carioca do Festival empoeirado.

Se não discursou propriamente, como anotou colunista apressado, no dia seguinte, falou bastante Madariaga, dizendo, entre outras coisas, não estar ainda certo, como fôra anunciado, se uma das obras novelescas reunidas em seu livro "Coração de Pedra Verde", sobre a conquista do México, seria de fato filmada. Apresentou então aos escritores e jornalistas presentes o império hispânico de antanho como não constituído propriamente "de colônias, mas de reinos de além-mar", uma espécie de antecipação para o tempo da "Commonwealt" britânica dos nossos dias. Os diferentes reinos da América Espanhola eram independentes, tendo apenas em comum o mesmo rei, de Espanha. "Por isso, não trato do colonialismo nas minhas novelas históricas reunidas em "Coração de Pedra Verde".

Também Alberto Morávia e Graham Greene concederam entrevistas coletivas à imprensa, como aliás quase todos os escritores importantes participantes do Congresso dos PEN Clubes do Rio de Janeiro. O primeiro afirmando: "Não sou escritor católico mas um católico que escreve", falando sobre literatura, Fidel Castro, a inglesa "angry young man", André Gide, a reação católica, sua obra e o cinema, as críticas a seus livros ("Não leio críticas de minha obra. Tornam-me consciente de mais e prejudicam-me muitas vezes a espontaneidade"); e sobre Fidel Castro afirmando: "Êle merece que tenhamos paciência", — àquela época.

Alberto Morávia, por sua vez, defender-se-ia da pecha de "escritor amargurado": "Não trato com impiedade os personagens de meus livros". Afirmaria não

acreditar que americanos e russos deflagrassem uma nova guerra mundial, acabando por se compor. E que o fascismo tinha sido apenas "uma pedra no peito da Itália". "Liquidado o fascismo, voltamos a ser nós mesmos. Pense em alguém — dizia ele, entre outros que foram entrevistado, ao escritor Fernando Góes, pelo "Jornal do Commercio" —, pense em alguém que durante vinte anos foi obrigado a mentir, ou que teve uma pedra no peito, impedindo-o respirar. Tirada a pedra, é a vida que, com o ar, volta em toda a sua plenitude. Não se esqueçam de que a liberdade é um grande revitalizante".

Salvador de Madariaga, desde o seu primeiro pronunciamento público, primou em trazer-nos o seu testemunho de filósofo da cultura e muito particularmente de filósofo da liberdade. Aquêles que já conheciam os seus ensinamentos nesse sentido, não se surpreenderiam de reencontrá-los, já agora ditos de viva voz, quando não, melhor explicitados ou desenvolvidos.

Nos três principais pronunciamentos públicos, de sua breve passagem, de dez ou doze dias, pelo Brasil, ele deixou um rastro inesquecível e prestou declarações que nenhum crítico melhor avisado de sua obra poderá deixar de rastrear, nas páginas amareladas de nossos jornais correspondentes ao mês de julho e começos de agosto de 1960, a fim de não correr o risco de interpretar mesmo errôneamente os seus postulados filosóficos sobre a liberdade.

Entre as suas manifestações em público, devemos destacar a entrevista coletiva à imprensa, a palestra do auditório do Ministério da Educação e Cultura e o pequeno mas incisivo discurso proferido na Academia Brasileira de Letras, na recepção oficial aos escritores visitantes e congressistas internacionais.

Na entrevista concedida aos jornalistas brasileiros e estrangeiros, encarregados da cobertura do XXXI Congresso Internacional dos P.E.N. Clubes, Madariaga sentiu-se mais à vontade e com mais liberdade de falar do que na palestra proferida no auditório do MEC, sobre "O futuro da liberdade", quando, foi sabido, houve interferência do Embaixador da Espanha, junto ao Governo brasileiro, solicitando que o

exilado de Franco e do fascismo espanhol não se pronunciasse tão diretamente como em suas declarações à imprensa, contra o regime e o atual governo espanhol.

Mesmo assim, tolhido mesmo no país que se gaba de ser "a terra da democracia e da liberdade", o grande filósofo de amanhã conseguiu trazer-nos o seu testemunho de presidente de honra do Congresso pela Liberdade da Cultura.

Na entrevista à imprensa, ele começaria por defender o Congresso pela Liberdade da Cultura da pecha de comunista, afirmando combater-se nele qualquer totalitarismo, "seja da direita, seja da esquerda".

Afirmou ainda que se, em outra oportunidade o escritor poderia silenciar a defesa de liberdade e da cultura, em nossos dias tem a obrigação de defendê-las contra quaisquer totalitarismos. Sobre Fidel Castro, disse que embora surgisse na crista de uma revolução, até então "boa em parte", contudo, era um ditador e citou Locke para lembrar que o "poder absoluto é a corrupção absoluta".

Lamentou, mais uma vez: "Os escritores da atualidade infelizmente não participam, com bastante intensidade, no movimento pela liberdade cultural do mundo". Voltando a Fidel Castro, disse que ainda sendo um homem, até o momento, "muito bem intencionado", mas que "não deixa de ser um ditador. Provou isso, em mais de um ato que praticou".

A maior definição de liberdade que ouvira até então, afirmou ter sido a de um camponês andaluz, ao rejeitar dinheiro para vender o seu voto: — "Em minha fome, mando eu".

"A liberdade é para o indivíduo o que o soberania é para a nação. O homem livre é aquele que pode tomar sem restrições as decisões que julgar indispensáveis para a sua felicidade. O homem livre é o que pode exercer as atividades necessárias à satisfação de sua fome, biológica ou espiritual".

Embora considerando uma utopia a satisfação perfeita de todas as necessidades humanas, contudo, o filósofo de liberdade afirmaria: "Mas a necessidade primordial do espírito é o conhecimento. E

conhecimento não pode ser adquirido sem liberdade. Assim sendo, a liberdade é a própria essência da vida humana. Tudo que a cerceie diminui o homem, diminui a sua projeção histórica".

E mais adiante: "Por ser a liberdade um aspecto essencial da vida humana, essencial como o amor, não admite adjetivos. De que valerão ao obreiro seu salário satisfatório, sua casa, suas comodidades, se a polícia pode bater-lhe à porta de madrugada e levá-lo para um campo de concentração?"

A liberdade é uma só. Existe ou não existe. Não se imagina Romeu dizendo a Julieta que a ama politicamente ou não a ama economicamente. Há o amor, há a liberdade, ou não há nada".

O mesmo depoimento, aprofundado nesse ou naquele aspecto, principal ou secundário, deu Madariaga, no auditório do MEC e na pequena alocução da ABI. Nesta, ele reivindicou também a expressão "América Ibérica", de preferência a "América Latina", aliás, já anteriormente defendida em sua obra de filósofo da cultura.

Seria longo demais citar aqui todos os ensinamentos colhidos na passagem de

Madariaga pelo Brasil. Foi muito aplaudido, mas também combatido, tanto por elementos da direita como da esquerda, como testemunha Afrânio Coutinho em seu artigo "A liberdade e os totalitarismos", na coluna dominical do "Diário de Notícias", de 31 de julho de 1960, em defesa de Madariaga.

Agora, Madariaga está novamente de volta ao Brasil, não mais fisicamente, mas por seus pronunciamentos de escritor e pensador político, e para ratificar o seu depoimento sobre Fidel Castro, no prefácio que escreveu para o livro de Stefan Baciú, "Cortina de Ferro sobre Cuba", em sua recente segunda edição: "Quando triunfou Castro, depois da campanha da Sierra Maestra, todos os homens de boa fé e de boa-vontade o aplaudimos com a alma aberta à esperança. Não sabíamos, todavia, que Castro levava nas fraldas da sua bandeira o basilisco venenoso da traição comunista".

Este é o último ato de presença do filósofo da liberdade em nosso país, ao concluirmos esse artigo, que desejaríamos ser bem mais longo, sobre ele e sua presença no Brasil!

## SALVADOR DE MADARIAGA E A INTEGRAÇÃO DEMOCRÁTICA ESPANHOLA

JULIAN GORKIN

**T**ÓDAS as vezes que Vicente Blasco Ibañez, grande tribuno popular em sua juventude, lançava-se a perorar sobre o futuro da Espanha em nossa tertúlia do *Café de la Rotonda*, de Montparnasse, Miguel de Unamuno se inclinava para mim — eu o acompanhava diariamente e cria gozar de sua confiança — e grunhia irascível: “Que fala da Espanha, se a deixou há anos e já nem a conhece?” Era em 1925. O ditador Primo de Rivera tinha desterrado o grande basco para a ilha de Fuerteventura, nas Canárias, de onde conseguira escapar em um barco francês; Blasco Ibañez apressara-se a abandonar sua esplêndida propriedade de Menton e sua obra de romancista para vir robustecer nossa “tertúlia conspiratória” em Paris. Dominava-o, novamente, sua velha paixão republicana, e preparava um candente libelo contra Alfonso XIII. Minha grande admiração dirigia-se para Unamuno, a mais vigorosa figura deste século — e uma das mais fortes de sua história intelectual; caía, contudo, em fáceis arbitrariedades, e seu juízo sobre Blasco era uma delas. Um juízo parecido ouvi, anos mais tarde, do genial Valle-Inclán em Madri; os grandes escritores, que tinham permanecido na Espanha, pouco conhecidos no estrangeiro, não perdoavam ao novelista valenciano sua vida folgada na França — nem sua triunfal viagem ao redor do mundo — e menos ainda a fama universal de que gozava.

Se evoco essas lembranças é porque ouvi uma exprovação semelhante, a res-

peito de Salvador de Madariaga, dos lábios de alguns intelectuais residentes na Espanha por ocasião de suas breves escapadas ao estrangeiro: “Vive muitos anos fora do país”. Querem dizer com isso que não vive o drama da Espanha atual, que não penetra em sua evolução, que não pulsa com os sentimentos e as aspirações que se formaram e se desenvolvem sob a couraça da ditadura? Isso, sem dúvida, embora eu creia injusta a exprovação, pois seria excessiva injustiça pretender que não serve, de fora, a boa causa do povo espanhol. Antes de fazer a demonstração, direi que, em contrapartida, os intelectuais espanhóis emigrados reprovavam um Ortega y Gasset, um Pio Baroja, um Gregorio Marañón, — os grandes mortos desses últimos anos — por seu regresso à Espanha franquista: para eles esse retorno equivalia pouco menos a uma traição. Essa atitude mereceu uma franca revisão: porque se foi impondo a compreensão e, sobretudo, porque esses homens souberam viver e morrer fiéis a si mesmos e reconciliados com a tradição liberal espanhola.

Que Madariaga viveu e vive o drama da Espanha como poucos — talvez como ninguém — testemunham-no seu pensamento e sua ação de cada dia, e com uma continuidade, uma retidão e um desinteresse admiráveis. Conheço-o intimamente, estou em contínua relação com ele, e devo proclamá-lo. Espanhol até a raiz dos cabelos, orgulhoso defensor das virtudes cardeais da Espanha, jamais silenciou seus

defeitos nem os perigos e as violências que ameaçavam confundí-la e que a confundiram. Mais ou menos justa ou injustamente, sua vigorosa e decidida mania de dizer as verdades a todos atraiu-lhe um dia a reação contrária e a impopularidade de quase todos. Por que se erigia em mediador e em juiz das paixões desatadas e dos extremismos avassaladores? Combatente situado em um dos extremos, eu mesmo reprovei sua moderação e seu equilíbrio. Pediamos-lhe um tudo ou nada faccioso e total. Sem compartilhar todos seus juízos de então, compreendo agora que sua atitude foi atinada e sensata e que, passado o tempo, essa atitude robusteceu sua autoridade moral e lhe conferiu uma missão: a missão que está realizando e que é chamado a realizar cada dia mais. E não é certo que, enquanto os ilustres varões antes citados tinham de guardar silêncio ou falar em voz baixa e escrever para a gaveta à espera de melhores tempos — e outros, os da geração sucessora, digeriam suas ilusões no regime e faziam a transição, ele, usando das ressonâncias adquiridas no mundo, pensava em voz alta e atuava por todos? Gratidão, e não reprovação, merecem sua obra e seus feitos.

Nascido na Coruña em 23 de julho de 1886 — completa agora seus setenta e cinco anos — galego, portanto, como Franco — pode-se perdoar a Galicia um pelo outro — é certo que Madariaga viveu o melhor de sua vida fora da Espanha. Ingressa, em 1900, no Colégio Chaptal de Paris. Cursa, seis anos mais tarde, a Politécnica francesa e, depois, a Escola Nacional Superior de Minas. Engenheiro, ocupa em 1911 um posto em uma companhia de estrada de ferro do norte da Espanha. Contrai matrimônio, em 1912, em Glasgow. Sua decidida vocação literária, a que dedicará sua vida, data de 1916; conhece bem as literaturas e a vida social e política inglesa e francesa — não cessará, desde então, de aprofundar-se nelas — e, utilizando um pseudônimo, dedica-lhes em Madri reveladores e longos artigos. Seu primeiro volume, intitulado *La Guerra Desde Londres*, data de 1917; porém seu primeiro grande ensaio literário, *Shelley y Calderón*, vê a luz em 1920, e nele estuda a influên-

cia que a literatura clássica espanhola exerceu nas letras inglesas. Mas seu primeiro grande livro, escrito diretamente em três línguas — espanhol, frances e inglês — e que cimeta sua fama internacional, é *Ingleses, Franceses, Españoles*, publicado em 1928 e reeditado numerosíssimas vezes nos três idiomas. É já o espanhol universal cujos horizontes e cuja estatura crescerão de ano para ano; a atrasada e arcaica Espanha não tem nada a perder — e sim muito a ganhar — com a profunda assimilação que ele fez das culturas e dos progressos político-sociais da Inglaterra e da França e de sua transferência ao espanhol; ao mesmo tempo, contribuiu consideravelmente para revelar a essas nações os permanentes valores espanhóis. A essas nações e a outras, pois suas obras fundamentais foram traduzidas em vários idiomas — há algum tempo, por exemplo, obtêm êxito excelente na Alemanha. A assimilação e a transplantação do europeu ao espanhol, durante a maior parte dos séculos XIX e XX e tanto na filosofia, na sociologia, no direito, na pedagogia, como na literatura e na arte, não fizeram a boa regra dos Sanz del Rio, Giner de los Rios, Cossio, Ortega, Araquistain...? Sem menoscabo, claro está, de sua obra original. O moderno liberalismo espanhol, no sentido amplo e profundo da palavra, se vê balizado por essas e outras grandes figuras; com seus perfis próprios e originais, Madariaga é hoje o grande continuador dessa tradição universalista e liberal.

A obra completa de nosso autor, compreendendo as traduções, ocupa oito nutridas páginas de catálogo. Oito páginas! Desde seu primeiro livro, em 1917, pode dizer-se que não passou um ano sem publicar pelo menos um ou dois volumes, em espanhol ou em outras línguas. Que grande trabalhador! E sua obra abarca todos os gêneros: biografia e história, política, ensaios, novelas, dramas cênicos e peças radiofônicas, poesia... E sem contar seus artigos e ensaios em um grande número de jornais e revistas. O conjunto de sua produção demonstra uma extraordinária agilidade mental, um dom de aguda observação, um vivo espírito crítico e uma permanente tensão criadora, uma

cultura enciclopédica... Como em todo escritor autêntico e múltiplo, há em Madariaga uma obra circunstancial e, sem dúvida, perecível; porém há uma obra, a mais documentada, vigorosa e trabalhada, que permanecerá: é, principalmente, seu *Ciclo Hispânico*, que ele próprio denomina seus livros *americanos*. Rompendo com a escola tradicional espanhola e dando provas de seu espírito livre e audaz, sem preconceitos nem cálculos, desenvolve em seu *Cristóbal Colón* a bem argumentada e convincente tese da origem judio-catalã do grande descobridor. Seu *Hernán Cortés* pode contar-se, a meu juízo, entre a dezena de grandes biografias que se escreveram neste período superabundante em tal gênero. Confesso que poucas obras biográficas me apaixonaram tanto. Seu documentado e monumental *Bolívar* suscitou críticas apaixonadas — e às vezes contundentes — na América Espanhola, principalmente na Venezuela, Colômbia e Peru. Seguramente, em alguns de seus perfis e de suas conclusões há um excesso de *españolidad* e uma escassa acomodação às glórias lendárias; ninguém pode negar, contudo, o profundo e circunstanciado conhecimento do extraordinário personagem e de seu tempo, nem a firmeza do biógrafo-historiador naquilo que ele crê a verdade. Seu *Auge* e seu *Ocaso del Imperio Español en América* constituem um balanço, incompleto sem dúvida, tendo em conta a vastidão do tempo e do espaço historiados, porém agudo e valioso — e sugestivo como um grande afresco — da colonização e da *descolonização* hispano-americana, com os acertos e as virtudes e os erros e os defeitos da Espanha. Em uma cartaprefácio à reunião dessas obras em dois luxuosos volumes em papel-bíblia, se queixa o autor: “Esta obra — a da Espanha na América — continua obscura aos olhos de quase todos os sul-americanos mesmo os cultos, pelos preconceitos antiquados que, por desgraça, inspiram os livros de texto das escolas e universidades dos países de língua espanhola. Estranha maneira de reunir em um feixe de interesses morais comuns um mundo hispânico, único mal concertado no mundo de grandes grupos que se está constituindo diante de

nós”. Refere-se mais adiante à “era das grandes famílias humanas”, para chegar a esta conclusão: “Apenas o mundo hispânico continua disperso, de modo que o continente colombiano opõe aos Estados Unidos do Norte os Estados Desunidos do Sul”. Que não guarda um átomo de mentalidade colonialista, contrariamente à absurda “vontade do Império” dos primeiros anos falangistas, o demonstram estas afirmações incisivas: “A Espanha pertence à Europa, à família européia. A família hispano-americana tem de fazer-se sem ela”. “O caráter *hispano* é o que mais estorva a unidade dos povos hispano-americanos”. Esse caráter é o vê no *Don yo*, no *yoísmo* individualista herdado da Espanha pelo “esquadrão dos conquistadores”, formado por San Martín, Bolívar, O’Higgins, Iturbide, Artigas... Isso foi escrito em junho de 1956; daí para cá a família européia e a família hispano-americana realizaram seguros avanços e parece querer articular-se a família hispano-americana. A única que permanece à margem, como um corpo estranho, não obstante constituir um ponto de confluência entre os três continentes, é a Espanha, a Espanha seqüestrada há vinte dois anos

Sem falar de vários de seus ensaios maiores e de alguns de seus romances, outra obra permanecerá: *España*. Publicada em 1931, tem sido reeditada quase sem cessar: cada nova edição também se foi ampliando e atualizando antitatorialmente. Tem sido, da mesma forma, sua obra mais traduzida. Alguns desacordos teria de assinalar a respeito de seus capítulos sobre a guerra civil: nada mais natural que a condenação dessa sangrenta hecatombe por parte daqueles que não se sentiram obrigados a intervir diretamente nela — é fato que as novas gerações a condenam e que hoje não há um único espanhol que pareça disposto a uma nova guerra civil. Historicamente, não é possível deixar de reconhecer que a República surgiu sem derramar uma gota de sangue, deixando quase intactas as forças de direita, criando descontentamentos nos setores sociais e reprimindo-os: o pagamento foi o levante militar-falangista com ajuda do nazi-fascismo europeu. Como manter-se imparcial — ou relativa-

mente parcial — ante esses fatos? A exacerbação revolucionária, lamentável se se quer, foi preparada por um profundo atraso econômico-social, pelos longos períodos de reação, pela insatisfação do indivíduo espanhol e da massa, por uma ilusão ao proclamar-se a República e sua desilusão ulterior, e, afinal, pelo fato da contra-revolução militar-fascista. O próprio Madariaga reconhece, na introdução a esses capítulos históricos, que é mais severo em relação à esquerda que à direita porque, no fim, “da esquerda depende o futuro”. O certo é — convém insistir — que Madariaga se manteve à margem e acima dos contendores e por isso e sua atitude ulterior lhe confere hoje uma extraordinária autoridade. A primeira parte de seu livro, sobre a formação e o desenvolvimento desse mosaico de povos e de línguas que é a Espanha, resulta de uma grande riqueza interpretativa e crítica; a última parte, com os anexos que lhe foi agregando, não há liberal ou democrata que não a subscreva.

Há um par de anos o franquismo teve a vilania de respigar nessa obra alguns fragmentos, hábilmente separados do contexto, para adereçar um volume, traduzido em vários idiomas e distribuído pelos serviços diplomáticos, contra o socialismo espanhol e o próprio Madariaga. Essa grosseira pirataria prejudicou apenas ao regime ditatorial. Sem fazê-las suas, o sólido liberalismo de Madariaga lhe permite compreender todas as tendências democráticas, mesmo as mais socialmente avançadas; tem sido sempre, em troca — e o é hoje mais do que nunca — absolutamente intransigente com todas as ditaduras e todos os totalitarismos, sejam de que cor forem. Suas críticas acerbas às forças republicanas — e, em primeiro lugar, aos socialistas — durante a guerra civil, tinham por principal fundamento sua debilidade em relação à infiltração comunista. Justificou, durante a Segunda Guerra Mundial, a aliança militar das democracias ocidentais com a U.R.S.S. de Stalin — e não se cansou de exaltar o heroísmo do povo russo; jamais pôde compreender suas complacências e suas concessões de todo gênero com os métodos e as

conquistas do stalinismo. O golpe de Praga, o esmagamento de Budapeste e a absorção do Tibet pelo novo imperialismo chinês provocaram nêle palavras candentes. Como todos os autênticos democratas, esteve contra Batista e ao lado de Fidel Castro, a quem dirigiu uma carta aberta prevenindo-o contra o perigo comunista; a queda de Cuba em poder de Moscou e Pequim e sua infiltração nos países latino-americanos inspiraram-lhe um livro, que será próximamente publicado. Para Madariaga, toda concessão — direta ou indireta — ao totalitarismo representa uma traição ao homem e à liberdade.

Para o franquismo, Madariaga vem a ser, por seu prestígio universal e sua ação perseverante — infatigável — o adversário mais perigoso hoje. Não obstante seus artigos, suas conferências, sua correspondência com meio mundo, suas leituras — sempre encontra tempo para conversar com os numerosos espanhóis, jovens e velhos, que o procuram. Nos cinco idiomas respectivos e sem esquecer-se nunca da causa do povo espanhol, ouvi brilhantes dissertações suas na América Latina, em Paris, em Londres e em Oxford, em Berlim e em Dusseldorf, em Roma e em Milão... A única escravidão para esse grande liberal está em sua agenda de viagens: nela tem previsto seu programa com seis, e até mesmo doze meses, de antecipação. O ano passado percorreu triunfalmente os principais países latino-americanos depois de haver visitado a maioria dos europeus. No momento em que escrevo está advogando a causa espanhola em Nova York e em Washington; em dezembro próximo visitará as Filipinas, o Japão, a Índia... Sinto-o pelo ditador espanhol, porém, aos setenta e cinco anos, goza Madariaga de uma saúde robusta e ágil, denota uma extraordinária juventude moral, semeia anedotas e bom humor por onde passa... Reúne, ao mesmo tempo, a aguda maturidade e o fundo sadiamente ingênuo próprios dos autênticos grandes homens.

Miguel de Unamuno costumava dizer: “A Espanha não é apenas minha mãe, mas minha filha”. Isso ouvi em Paris e em Hendaya, nos tempos de Primo de Rivera.

Tão tremenda e presunçosa frase somente se podia permitir àquele varão ímpar. Queria dizer, sem dúvida, que a Espanha lhe havia dado o ser, havia feito dele "nada menos que todo um homem" e continuava sustentando-o por todos os seus peros; porém que, por sua vez, êle havia contribuído como ninguém para forjar-lhe uma alma nova ante a qual se alumbrariam os ditadores. Mas unamuno era a contradição e o individualismo feitos homem, e não encontrou seu lugar — um lugar de construtor — na Espanha que adveio. Por muito grande que seja minha admiração por Madariaga, não lhe aplicarei a frase unamuniana. Porém há um fato certo: é tão espanhol como quem quer que o seja, jamais rompeu suas raízes espanholas e, precisamente porque ao mesmo tempo se nutriu de substância universal, pode prestar assinaladíssimos serviços à Espanha que tem de ser.

Qual será, pela força das coisas, essa Espanha? Uma Espanha reconciliada consigo mesma, capaz de reunir o fio entre o ontem e o amanhã, de superar o abismo da guerra civil e destes longos, amargos e angustiosos anos de ditadura. "Os vencedores de ontem somos os vencidos de hoje", disse com tremenda sinceridade o poeta e ex-falangista Dionisio Ridruejo. Digo que a vencida foi a Espanha e que se trata agora de salvá-la, de reintegrá-la. E, recordando a "Espanha invertida" de Ortega y Gasset, de vertebrá-la sólida e democraticamente. Em suma: frente à guerra civil — ou incivil — criar as condições de paz civil e da convivência nacional livre dos espanhóis. Por seu passado, por sua atividade presente e por sua projeção, Salvador de Madariaga me parece ser e representar a mais limpa, legítima e coesiva bandeira de tudo isso. Mas a Espanha pertence — geográfica, cultural, econômica, política e estrategicamente — ao mundo ocidental e, neste século das

grandes "famílias humanas", intercontinental e universalista, sua construção e sua integração somente são possíveis em função da nova Europa, da Euráfrica, da Euramérica. Curando a Espanha da peste totalitária atual — do "deserto" a que ficou reduzida, segundo um ensaio ainda inédito do citado Dionisio Ridruejo — e impedindo sua queda no cólera comunista. Não se supera um abismo abrindo outro: ninguém duvida que a isso equivaleria semelhante queda, preparada desgraçadamente pela sobrevivência franquista e pelos cegos apoios que recebeu — e recebe ainda hoje — das democracias. Por seu antitotalitarismo fundamental, por seu europeísmo construtivo, por seu universalismo na inspiração e nos fins, Madariaga simboliza — como nenhum outro espanhol vivo — essa grande causa.

Na homenagem aos setenta anos de Salvador de Madariaga, Albert Camus leu o discurso nobre e justo que correspondia à circunstância. O mundo acabava de viver o angustioso drama húngaro. Encontrou Camus um acento único contra os verdugos do Oriente; outro semelhante encontrou contra o ditador espanhol e contra todos os seus amigos e protetores. E concluiu assim: "Como esquecer jamais que você permaneceu fiel à nossa razão comum de existir em meio de tantas traições? E como não lhe dizer esta noite, juntos todos, o que escreveu Turgueniev, agonizante, a Tolstoi: "Sinto-me feliz de ter sido seu contemporâneo?" Temos sido nós alguma coisa mais que seus contemporâneos (há contemporâneos que não nos inspiram, certamente, nenhum orgulho), pôsto que temos compartilhado suas angústias e sua esperança, você fez suas nossas derrotas, e a libertação que todos esperamos devêmo-la a seu exemplo e a sua ação, que continua para nossa honra comum". Que melhores palavras podemos dizer-lhe nesses seus setenta anos?

## SALVADOR DE MADARIAGA E A AMÉRICA LATINA

STEFAN BACIU

NA BIBLIOGRAFIA de Salvador de Madariaga, que, através de mais de meio século de trabalho, pesquisa e inquietação, chegou a abranger todos os gêneros, do teatro radiofônico à poesia, da biografia ao romance, do ensaio político ao comentário jornalístico, o livro *Presente y Porvenir de Hispanoamerica y otros ensayos* (Sudamericana, Buenos Aires, 1959), ocupa lugar dos mais importantes.

Em recente estudo da síntese crítica "El ensayo y Algunos Ensayistas Americanos" *Cuadernos*, n.º 53, Paris, outubro de 1961), o crítico espanhol Guillermo de Torre, radicado há muitos anos na Argentina, estuda sumariamente este notável livro, colocando-o ao lado de alguns trabalhos básicos da moderna cultura latino-americana escritos por autores como Alfonso Reyes, Mariano Picón-Salas e Eduardo Mallea.

Tem razão o ilustre crítico espanhol em dedicar a atenção ao livro de Salvador de Madariaga, pois poucas vezes tão complexos problemas como os do nacionalismo e do indigenismo, da mestiçagem e do universalismo foram analisados com tão notável lucidez e tão profunda originalidade.

Mas qual a tese defendida por Madariaga em seu trabalho?

Já que o mundo se dirige para o Continente-Estado, seria natural chegar-se a uma Federação Ibero-Americana. Acontece, porém, que a família hispana está hoje bastante dispersa, e, segundo alega Madariaga, só poderá ser fortalecida pelo ele-

mento hispânico, que, notem bem, nada tem a ver com certa tendenciosa *hispanidad*, em voga em alguns meios oficiais.

Esse é um dos equívocos básicos que Madariaga desfaz em seu livro com uma riqueza de argumentos e exemplos raras vezes encontrados; em seguida, aborda uma série de outros problemas atuais, chegando a traçar um retrato vivo do mundo hispano-americano, que o singulariza entre os demais pensadores dedicados a tão controvertido e atual problema.

Há quem diga que Salvador de Madariaga exagera um pouco seu hispanismo, como bom espanhol que é, mas, paradoxalmente, êsses acusadores devem reconhecer que o denominador comum de um mundo tão variado é, exatamente, o hispanismo, pois ninguém conseguirá provar que os índios de uma eventual *Indoamérica* podem servir como tal. Ou será que são os mesmos os índios da Bolívia e da Guatemala, os do Peru e do México? E o espanhol, será sempre o mesmo.

Entre os livros ultimamente editados e que tratam do assunto — e teremos que reconhecer que são variados e numerosos, publicados tanto no continente americano como nos diversos países (hispânicos ou não) da Europa — o de Salvador de Madariaga impõe-se por sua mensagem, pelo profundo conteúdo humano, que o liga à luta universal que o autor vem travando em tôdas as frentes, em todos os países, a favor da liberdade, contra a nefasta política dos ditadores.

Da mesma maneira como vem combatendo a ditadura de Franco (neste sentido, seu livro *General Marchese Usted*, editado em Nova York pela revista *Ibérica*, em 1959, constitui excepcional exemplo de visão e coerência política, colocando o problema da ditadura espanhola em um plano realmente universal), Madariaga não dá trégua aos ditadores do continente americano.

Assim, jamais poderão esquecer-se seus artigos, publicados na grande imprensa mundial, onde denunciou a ditadura de Fidel Castro como cópia típica da democracia popular de estilo soviético, isto depois de haver escrito e falado com toda a simpatia sobre os rebeldes de *Sierra Maestra* e depois de haver denunciado em alguns artigos demolidores a ditadura de Fulgencio Batista.

"Quando triunfou Castro, depois da campanha da Sierra Maestra, todos os homens de boa-fé e de boa-vontade o aplaudimos com a alma aberta à esperança. Não sabíamos, todavia, que Castro levava nas fraldas da sua bandeira o basilisco venenoso da traição comunista. Hoje, temos que nos declarar convencidos. Digamos mui claramente as traições de Infidel Castro...", escreve Madariaga em uma página clássica, por seu espírito de síntese, onde analisa a posição de Fidel Castro depois se a revolução do povo cubano haver sido encampada pelos comunistas.

Mas não foram apenas as ditaduras de Batista e de Castro, colocadas por toda uma série de circunstâncias no centro da atenção mundial, que preocuparam a atenção de Madariaga. Com o mesmo interesse, com o mesmo espírito de vigilância, estudou os acontecimentos de outros países da América dominados por ditaduras, e, invariavelmente, suas simpatias dirigiam-se para as correntes populares e democráticas, condenando os ditadores com uma veemência e uma consequência que marcam sua luta, também nesse terreno.

Quando o povo argentino sofria sob a ditadura de Perón, Madariaga colocou-se na primeira fila dos que combateram a tirania justicialista, da mesma maneira como não deu trégua a Marcos Pérez Jiménez, Manoel Odria e Gustavo Rojas Pi-

nilla, tiranos instalados pela força das armas em países grandes. Mas, de igual modo, denunciou os Somoza e os Trujillo, por saber que não há ditaduras "pequenas" ou "grandes", pois todas as violações da liberdade têm a mesma profundidade, causando feridas idênticas.

Fonte inesgotável, nesse sentido, poderiam constituir as entrevistas concedidas à imprensa cada vez que Madariaga realiza suas viagens pela América Latina, para pronunciar conferências e colher material para seus livros de história, para suas biografias, ou, apenas, para entrar em contacto com as realidades de cada dia e sentir o pulso deste mundo peculiar.

Tivemos oportunidade, várias vezes, de presenciar esses encontros diretos sob o fogo cruzado das máquinas fotográficas e dos refletores da televisão, quando, propositadamente, ou não, lhe eram dirigidas as mais descontraídas perguntas, às vezes muito sutis e, outras, bastante primárias.

Valeria a pena, naquelas ocasiões, ver seu fino sorriso, meio irônico, meio triste, e seria preciso recorrer às coleções dos jornais da época, para ver como este homem universal está documentado sobre tudo que acontece neste continente, conhecendo e interpretando cada fato, cada movimento, em seus mais profundos matizes, em suas mais diversas repercussões.

Às vezes, tais palavras, que pareciam enterradas em amarelecidas páginas de jornal ou sepultadas para sempre, ressurgem inesperadamente, reproduzidas ou comentadas aqui ou ali, passados meses ou anos, quando um pesquisador atento e curioso as descobre nas colunas do passado, onde guardaram não apenas seu fresco sabor, mas, ao mesmo tempo, sua espantosa atualidade, tão peculiar aos grandes espíritos universais.

Tal coisa aconteceu faz alguns meses, há um ano talvez, com a reprodução de uma frase relacionada à ditadura de Fidel Castro, que Madariaga havia fixado em sua verdadeira luz, quando ainda muitos inocentes ou "neutralistas" davam crédito a uma campanha de "independência" que

vinha de Havana, sob uma das inúmeras camuflagens que o comunismo costuma usar em tais circunstâncias para poder trabalhar.

Isso prova apenas que a profunda compreensão que Salvador de Madariaga demonstra com os países latino-americanos lhe permite encarar todos os acontecimentos sob o signo de uma constância que repousa nas próprias bases históricas desses países tão inquietos.

Seria interessante realizar uma pesquisa permitindo juntar algumas páginas dispersas, onde Madariaga fala no espírito e na configuração de certas cidades latino-americanas. Teríamos, dessa maneira, verdadeiro caleidoscópio, onde apareceriam, brilhando em toda sua beleza e em seu esplendor original, capitais como a Cidade do México, Lima, Santiago ou nosso Rio de Janeiro, que redescobre cada vez com a mesma paixão, com a mesma alegria, encantado e deslumbrado por suas cores, por suas praias, mas, ao mesmo tempo, por suas permanências lusitanas.

E por que não dizê-lo? Não são apenas as cidades grandes que ele ama, e que atraem sua atenção. Quando escreveu seu romance *O coração de Pedra Verde*, andou conhecendo inúmeras cidades mexicanas, que, desde então, recorda com o mesmo carinho, com a mesma paixão que nada tem do encontro do simples viajante ou turista, e em muitas oportunidades ouvi-mo-lo dizer que seria um dos seus maiores desejos conhecer a cidade de Antigua, na Guatemala, tão nobre e bela como Florença ou Assisi.

Nada mais compreensível do que o desejo desse viajante universal, jovem ainda, em uma idade que para outros é a dos

patriarcas, sempre disposto a percorrer o mundo, levando sua mensagem de fé e de esperança, hoje na Índia, amanhã na Alemanha, mas sempre tão próximo, tão identificado com tudo que se faz, se pensa e se constrói, ou se destrói, aqui, nos países da América.

Um dos livros clássicos de Salvador de Madariaga, tido por muitos como sua obra-prima, cujas edições vêm se sucedendo desde a sua publicação, em uma Europa que já não é igual àquela de então, é o ensaio, *Inglêses, Franceses, Espanhóis*, que, sem qualquer dúvida, constitui a chave para boa parte de uma obra vasta e importante, e servirá, como poucos, para identificar e compreender nosso tempo e várias fases e faces da História.

Diríamos, e com razão, que aquele trabalho é, apenas, uma chave, pois a segurança, da mesma importância e do mesmo valor para outras terras e outros símbolos, é o mencionado livro *Presente y Porvenir de Hispanoamérica*, que, para ser conhecido, precisa ser urgentemente traduzido, pois representa, sem dúvida, uma das melhores e mais acertadas explicações de um mundo, apresentado hoje, com frequência, sob o aspecto meramente turístico ou pitoresco, por viajantes e observadores que ainda não conseguiram ver além do índio sentado nas esquinas das metrópoles, do samba, das bananas e do chá-chá-chá.

Deixemos essas coisas pitorescas e amáveis para os que se contentam em conhecer um mundo como a América Latina através dos *magazines* ilustrados de Paris, Nova York e Londres, e ouçamos o que diz Salvador de Madariaga, se quisermos compreender o que aqui aconteceu no passado, e o que ainda há de vir.

## SALVADOR DE MADARIAGA, PALADINO DO LIBERALISMO

JUSTO PASTOR BENITEZ

AS VIDAS curtas podem ser brilhantes, mas para ser fecunda uma existência tem que durar, como a de Salvador de Madariaga, ao longo de 75 anos.

Sua personalidade não me era desconhecida, quando começou a irradiar em sentido universal na Liga das Nações. Era uma voz clara que se difundia de Genebra naquela tentativa para organizar a paz entre os povos, frustrada em parte. A Liga não fracassou; foi superada pelos acontecimentos, como outros sonhos nobres; porém legou uma apreciável contribuição, principalmente na ordem social, como a O.I.T. Voltou a medrar vigorosamente para desafiar tormentas. Como um reflexo em plácidos lagos, ficaram as figuras de alguns paladinos, como Albert Tomas, apóstolo do trabalho, Benes, Politis e Madariaga, e a voz harmoniosa de Aristides Briand.

Tocou-me conhecê-lo pessoalmente no Rio de Janeiro, em um almôço que lhe foi oferecido por Dom Ramón J. Carcano, o *cardenal sem púrpura*, embaixador argentino, a que estiveram presentes, entre outros, Raul Fernandes, Alfonso Reyes, James Darcy, tradutor de Dante, o prócer cubano José Manuel Carbonel. Na tarde seguinte, fez uma conferência na Academia Brasileira de Letras. Com sua dicção fluente, abordou diversos assuntos. Ainda me recorde de sua comparação do homem com a árvore; um móvel, o outro estático; e a influência da corrente quente que parte

do Golfo do México para as geladas águas do Canal da Mancha. Um colaboração física da América, que deu também ao Velho Mundo o milho, a batata, o ouro, a prata e os benefícios de sua rica flora medicinal.

Dom Salvador entoava já, um pouco, o canto de cisne da Liga, ante a invasão da Manchúria e a guerra paraguaio-boliviana, que não pôde deter. Naquela ocasião brindou-me com um exemplar de *Inglêses, Franceses y Españoles*, em que caracteriza a psicologia desses povos em pinceladas magistrais.

Dom Salvador é um espanhol que se internacionaliza sem perder substância; atravessa os Pireneus, seguindo a trajetória de Giner, de Angel Ganivet e de Ortega. Não pertence, estritamente, à Geração de 98, é seu continuador, pois contava apenas 12 anos nessa data. É mais século XX. Aquela geração se voltou com ternura para a paisagem da Espanha, a fim de levantá-la depois da desastrosa guerra de Cuba, porém foi crítica antes de tudo. Seus continuadores já se imiscuíram na política; foram liberais, e alguns deles fundaram a 2.<sup>a</sup> República. Não há linha de separação absoluta entre elas. Deram à Espanha um novo Século de Ouro, e podem situar-se nos mais altos da Europa.

Assim foram e são Unamuno, Ortega y Gasset, que ensinou a juventude hispano-americana a pensar, reformador da prosa altissonante; Azorín, desesperadamente simples, Pio Baroja, Fernando de Los Rios,

pensador claríssimo; Ariquitain, nobre jornalista; Ramón Pérez de Ayala, o novelista de *La Pata de la Raposa*; Gregório Marañon, médico humanista e biógrafo *côr prodigiosum*, o melhor homem do mundo (e conheço Manuel Bandeira); Marcelívio Domingo, com quem tive o prazer de privar; o extravagante Valle Inclán, criador da prosa poética e dos poemas em prosa; e Ramiro de Maeztu, que terminou no conservadorismo.

E somem-se, como aves cancras da paisagem de Castela, Antonio e Manuel Machado, Juan Ramón Giménez, Pedro Salinas e a juventude de Federico García Lorca, bela como a primeira manhã do mundo.

Eles estenderam sobre o Atlântico uma ponte espiritual; restabeleceram vínculos afrouxados no século XIX, com base na liberdade, em prosa, em verso e na vida. Os mais assíduos leitores de Unamuno, Ortega, Marañon e Madariaga estavam nas ásperas selvas do Novo Mundo.

Madariaga é a tendência internacional em uma nação que se tornou invertida depois de reger um império universal. Daí saiu, e hoje é falado, o segundo idioma do ocidente.

Não podendo gozar da liberdade em sua pátria, Madariaga se dedica a defendê-la no mundo. Seu ponto de irradiação foi a Inglaterra, refúgio de grandes exilados. Dali, pelo rádio, na cátedra, através de livros, se dedicou a propagar o liberalismo; a mostrar como os povos mais adiantados em tôdas as dimensões, mormente em relação ao homem, são os democratas, fecundos para a iniciativa.

Para apreciar seu trabalho, temos de situá-lo no tempo social. Assim, tínhamos: ao Norte, o *Kaiser* e Hitler; ao sul, Mussolini e Franco; ao leste, o soviétismo com seus ícones; ao oeste, os ditadores hispano-americanos. Porém, para homens da textura de Madariaga, nem o tempo nem o meio justificam a opressão do homem pelo homem. Não há região do globo onde não haja falta de liberdade. Para o exercício de seu magistério, conseguiu uma tribuna nessa associação de homens livres, que é o Congresso pela Liberdade da Cultura.

Para evocar boas lembranças, poderíamos mencionar algumas de suas obras capitais, velinhas acesas em seu aniversário, entre elas *España, ensayo de historia moderna*. Os primeiros capítulos têm colorido plástico. A segunda parte é dramática, intensa, na descrição dos passos incertos da 2.<sup>a</sup> República, defendida por intelectuais, escritores e juristas, porém escassa de estadistas argutos, capazes de consolidá-la. Pela bôca desse basco, nascido na Coruña, não falam esquerdas nem direitas, mas a Espanha agonizante e revelada, a mesma Espanha que trazia dor a Unamuno. A Espanha é uma nação profunda; tem côr, substância, sabor e caráter; sua própria intransigência é sinal de pureza. Porém, parece-me que ouviu pouco os paladinos do século XX, ou se mostrou pouco acústico e permeável à prédica.

Depois dos ensaios doutrinários, dedicou-se Madariaga aos estudos históricos e à biografia. *Cuadro General de las Indias* é um grande marco erudito, escrito em defesa da obra da Espanha na América, demasiado otimista em relação ao *status* que gozavam os patricios e *criollos* pospostos aos peninsulares. No campo da rebelião contra essas normas, os americanos são os precursores do anticolonialismo.

Nesse marco quer ele colocar Bolívar, considerando-o como um simples insurreto, cheio de ambições. Admiro o trabalho, contudo me atrevi a formular-lhe restrições. Em minha modesta opinião, não abarcou plenamente o maior homem que a América produziu; assinalo-lhe falhas, imputo-lhe pretensões monárquicas. Madariaga deixou-se levar por um critério fartamente espanhol para lamentar a perda de um continente. Apelou para um critério puramente analítico. Bolívar é estrangeiro nesse esquema que rabaixa sua figura polivalente e una.

A *Vida del Magnífico Señor Don Cristóbal Colón* tem envergadura. A decantada erudição, o bom-gosto, a capacidade descritiva adquirida em sua profissão de engenheiro culminam no trabalho sobre a existência tormentosa do descobridor do Novo Mundo. Colombo requer sempre um claro-escuro de lenda, por sua vida estranha, pelos mistérios que o envolvem, des-

de o lugar de seu nascimento até o local de seu sepulcro. Roubaram-lhe até o sobrenome no batismo de sua descoberta.

O livro sobre *Hernán Cortés* é soberbo e defensivo. Com o estilo cristalino que o caracteriza, fruto do estudo dos lógicos pensadores britânicos, dos prosadores franceses e dos clássicos espanhóis, pinta o conquistador tão discutido que pode ombrear-se, por uma obra mais estável, com os grandes conquistadores europeus.

Dom Salvador é um escritor trilingüe, condição que facilitar sua tarefa de paladino do liberalismo. Salpica de graça sua maneira de ser e de escrever. Mira Baciú contou-me que, durante sua última estada em Teresópolis, quando esteve no Brasil para a assembléia do PEN Club, Dom Salvador se levantava tôdas as manhãs eufórico, para gozar a paisagem serrana e evocar episódios de sua vida de peregrino. Nunca o viu com senho franzido. Assim também o vi na Universidade de Colúmbia, onde chegava improvisadamente para intervir nos debates de escritores americanos sobre *La Libertad Responsable*, em 1954.

Em sua passagem pelo Rio, presen-

teou-me, como correligionário, com um de seus trabalhos: *Guía del Lector del Quijote*, em que brilha seu engenho. Quixote é inesgotável para a interpretação, que vai desde a exegese de Dom Miguel de Unamuno, que se cria testamenteiro de Cervantes nessa matéria, até as interpretações literárias do carioca Américo Castro, a glosa iridescente de Ortega, a simbólica de Dimitri Merejkowski e a orientadora de Madariaga.

A posição de Salvador de Madariaga é d desafio. Os 75 anos surpreendem-no diante de uma página em branco que tem de preencher, do rádio, da cátedra, da tribuna, para a difusão de sua palavra de cidadão do mundo e liberal indeclinável. Começou a lutar quando muitos acreditavam que o liberalismo havia submergido ou tinha sido superado por outras doutrinas mais violentas e dogmáticas, quando o liberalismo ressurgente é o próprio espírito propício a tôdas as reformas endereçadas à dignificação do homem. Repousa na tolerância e na filantropia; não sacrifica o atributo essencial do ser humano, que é a liberdade.